

UM CONTO DE NATAL DE
MÁRCIO BENJAMIN



PARAÍSO

DARKSIDE





C O N T O S

D E N A T A L

D A R K

DARKSIDE

UM CONTO DE NATAL DE
MARCIO BENJAMIN

PARAÍSO

A senhora andava quieta, de braços cruzados em frente ao forno, como se pudesse apressar o cozimento do peru que insistia em permanecer congelado. Talvez algum problema elétrico. Amanhã mesmo iria pedir ao filho mais velho que procurasse o técnico pra dar uma olhada.

Em cima da mesa, o celular, presente da prole, também permanecia calado. Outro defeito, quem sabe? Essas porcarias modernas são feitas pra se estragar mesmo. Coisa antiga não, pensou, e quase sem perceber deu uma olhada no próprio reflexo pelo vidro do fogão brilhando de limpo. Arrumou novamente os cabelos lapeados de fios brancos e sorriu, como se alguém tivesse chegado.

Respirou fundo, retirou os óculos e procurou desvendar os números, quase encostando o nariz na tela de cristal líquido. Mas eram tão pequenos, confusos.

Afinal encontrou o contato do filho mais velho. Chamou uma vez. Duas. Várias. Até que, do outro lado, um ruído seco, um chiado alto. Quase como uma interferência.

— Filho? Meu filho? Você tá aí? — perguntou, com o indicador apertando o ouvido esquerdo, a testa franzida.

Bem ao fundo uma sirene. Berros de crianças. O filho do meio, ou era o mais novo, morava aos pés de uma avenida bastante movimentada. Tanto falava que se mudasse, mas ele nunca ouvia. Era perigoso. Mas quem disse? E tinham os netos. Esses sim quase nunca apareciam. Tava vendo a hora a menina se formar e nada de visitar a avó.

Foi uma luta pra convencê-los a morar sozinha no sítio. Depois da morte do marido, já não via muita graça nas coisas da capital. As amigas desapareciam de leve, como o nome de uma música esquecida no meio de uma conversa. Mas ela não se importava, gostava da forma que o tempo passava no interior, uma boa xícara de café era sua melhor companhia. Depois de muita briga, os meninos cansaram, e com a promessa da mãe ligar todos os dias deixaram que morasse sozinha.

— Ora, “deixaram”. E desde quando filho tem que deixar eu fazer alguma coisa? Agora deu foi bom! — resmungou, tirando a contragosto as passas esquecidas sobre o arroz, que o mais novo detestava.

Acendeu a luz do forno e contrariou-se com o peru, ainda antártico. Pensou em um plano alternativo e foi até o quintal. Do lado de fora, poucas casas, distantes, rescendiam a uma acanhada iluminação que parecia quase fazer as pazes com o breu infinito da noite naquelas bandas.

Encostou-se no muro baixo e teve pena quando viu as galinhas no quintal dormindo tão pacíficas. Quase riu quando decidiu esperar o peru.

— Ah, meu filho, faz é tempo que eu tô esperando peru... — falou em voz alta e surpreendeu-se com a sua própria gargalhada. A quanto tempo não ria daquele jeito?

Até que ouviu o toque do celular.

E correu pra dentro de casa.

Ainda escutou pela última vez a campainha estridente enquanto empurrava na tela os dedos gordurosos, já meio carentes de digitais. Mas não conseguiu atender.

Irritou-se com o fogão velho e decidiu colocar a ave no micro-ondas de vez. Acalmou-se um pouco ao perceber que ele não andava tão frio quanto pensava. Era o forno, com certeza.

Retirou a travessa e notou que quase não cabia. Não ia girar. Era tarde pro peru. Tarde pra festa.

Olhou o telefone novamente. Todos os feliznatalprosperoanonono enfileirados. Os minúsculos relógios indicando o não recebimento. Assim como as mensagens dos filhos, no privado, nos grupos. Sem retorno, sem resposta.

Como se chamavam? O menor? Quantos tinha? Quando chegassem, o que diria? Arrepiou-se. Amava o Natal, mas talvez, só talvez, estivesse mesmo ficando velha.

Despertou dos pensamentos com o micro-ondas apitando, avisando. Informando do peru pronto, quente. Vivo.

Mas havia espaço? Como conseguiu rodar o bicho no prato? Ela não se lembrava de ter ligado o botão em descongelar. Na verdade, não se lembrava sequer de ter apertado em nada. Quantos minutos pra descongelar um peru daquele tamanho?

Não conseguia pensar com o eletrodoméstico urgente apitando, berrando como uma sirene, lhe difamando uma negligência, logo no Natal, veja só.

Até que a luz veio, vermelha, intensa, do lado de fora.

Fogos? Polícia?

E a mulher entendeu que já não lembrava sequer o nome dos filhos.

O policial aproximou-se dos irmãos, abraçados, sem querer, quase em meia-lua.

Retirou o quepe bufento e colocou embaixo do braço, em respeito. Em frente a eles o dia amanhecia preguiçoso, tornando aquela paisagem do interior quase um lugar bonito.

O cheiro de queimado tomava todo o lugar e era impossível desviar o olhar da casa chamuscada de preto. Os vidros quebrados na explosão.

— Era o forno, pelo que a gente conseguiu entender — disse, baixando o olhar. — Vazou gás, coisa assim. Feliz Natal — falou, sem perceber.

O filho mais novo não conseguia tirar os olhos da sirene, em cima da ambulância que veio o mais rápido que pôde da cidade mais próxima.

Mas não foi suficiente. Era o que dizia a maca grande encimada com um saco preto respeitosa­mente fechado.

Nas mãos o celular vibrava com as inúmeras mensagens aflitas não respondidas da mulher, uma profusão de perguntas que lhe soavam como acusações.

Correu os dedos pelos grupos quase sem sentir e gelou quando percebeu uma mensagem da voz não respondida.

Era de agora, poucos segundos atrás.

Com o coração pulsando na garganta, o caçula apertou a seta azulada e pôs o telefone no ouvido.

— Mãe?

MÁRCIO BENJAMIN COSTA RIBEIRO é escritor natalense de 42 anos, especializado em Escrita e Criação pela UNIFOR (CE), autor de romances e livros de contos de horror rural e folclóricos, e roteirista de séries e longas-metragens. Ganhador dos Prêmios Moacyr Cirne de Ficção de 2019 e do Prêmio Odisseia de Literatura Fantástica Narrativa Curta de Horror 2020, Benjamin publicou *Sina* em 2022, seu primeiro romance pela DarkSide® Books.

